

VELHOS E NOVOS MUNDOS EM UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

MARCOS ALBUQUERQUE Laboratório de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO A perspectiva Arqueológica do tema Velhos e Novos Mundos é abordada pelo autor sob o prisma do contato entre dois grandes sistemas: o Sistema Americano, envolvendo a articulação de distintos povos, distintas economias, intracontinental, e o Sistema Europeu, já por seu turno articulado com os povos, as culturas de outros continentes.

Trata, sob diferentes vieses, o choque promovido pela expansão do Sistema Colonial Europeu; choque de diferentes naturezas e intensidades que repercutiram em distintos aspectos das sociedades envolvidas, tanto as americanas, quanto as europeias. Chama a atenção para a perspectiva de que a expansão do Sistema Colonial Europeu inseriu o Sistema Americano no que viria a se tornar o Sistema Mundial, quando relações de interdependência passaram a existir nos dois sentidos. Aborda alguns dos subsistemas cujo impacto se deu de forma mais traumática, como o ideológico, as repercussões no sistema produtivo e de defesa. Nesta análise enfatiza que as repercussões do contato se fizeram sentir de ambos os lados. Se alguns aspectos da tecnologia europeia passaram a exercer forte atrativo ou mesmo a necessidade imediata aos grupos locais, de modo análogo, chama a atenção para o fato de que muitos aspectos, hoje encontrados na Europa, e até no resto do mundo, são tributos deste contato no longínquo século XVI. Destaca a importância que assumiu no Velho Mundo produtos e tecnologias oriundas das Américas, como é o caso da batata, do chocolate, da borracha, do abacate e de tantos outros produtos absorvidos pelo Sistema Europeu. De modo análogo trata do aporte de frutos tropicais, indianos, africanos, que tiveram forte repercussão no sistema alimentar americano.

Reforça a idéia, de há muito defendida pelo autor, de que a História é para uma sociedade o mesmo que a psiquiatria é para o indivíduo. O entender coletivamente o passado de uma sociedade permite um melhor entendimento de si próprio, e consequentemente conduz a um melhor entendimento entre os povos.

Por fim, chama a atenção para Arqueologia moderna, interdisciplinar por natureza, procura interpretar a sociedade através de seus elementos materiais da cultura, não se restringindo às fontes que suprem a documentação histórica: os vencedores, os dirigentes. Através dos elementos materiais acessa o senhor e o escravo, o vencedor e o vencido, o general e o soldado.

Finaliza, exemplificando através dos resultados alcançados em diferentes estudos de Arqueologia Histórica (Arqueologia Pós-Medieval, para os europeus), quando se atém em parte da experiência vivenciada por sua equipe no trato de algumas unidades funcionais implantadas no Novo Mundo, fruto de uma reengenharia dos sistemas, ora adequando-se ao novo meio, ora remodelando o meio para atender às novas necessidades.

Nesta abordagem arqueológica do processo não busca focalizar efetivamente o contato entre os sistemas ou a formação do novo sistema, no seu conjunto, mas realçar aspectos, reflexos deste processo nos vestígios materiais resgatados em unidades funcionais específicas, estudadas arqueologicamente.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia histórica, contato euro-americano

Velhos e Novos Mundos, tema instigante para as mais diferentes áreas do conhecimento. Tema que não apenas motivou, mas inspirou diferentes seguimentos do conhecimento, desde o popular ao erudito. Lendas populares, trabalhos antropológicos, discussões filosóficas, argumentações teológicas, interesses econômicos, inspirações poéticas a artísticas, foram urdidas por um fato que teve como marco referencial, o contato de dois grandes sistemas, o europeu e o americano.

Antes do contato, cada um dos sistemas, se articulava de forma complexa, porém independente. Com a expansão do capitalismo florescente, ou do mercantilismo consolidado, houve a expansão do Sistema Eu-

ropeu. Sistema que se desenvolveu sob a forma, com características peculiares, do Sistema Colonial Europeu, tendo como um de seus maiores vetores o que viria a ser chamado de Novo Mundo.

Embora se saiba que diferentes integrantes do Sistema Colonial Europeu dirigiram suas atenções para o Novo Mundo, enfatizaremos, para efeito deste trabalho, o Mundo Ibérico, embora, em alguns momentos, deva-se focalizar o Sistema Europeu como um todo.

Por razões eminentemente etnocêntricas, predomina uma visão unilateral deste contato intercultural. No inconsciente coletivo, inclusive dos dois Mundos, persiste a ideia de colonizador e colonizado, de vencedor e vencido, de opressor e oprimido. Talvez fosse interessante

para o melhor entendimento dos dias atuais que fosse realizada uma revisão em diferentes áreas do saber como a história, a arqueologia, a economia, a sociologia, sem descurar da psicologia social.

O Sistema Americano se articulava de forma completamente independente tanto do Sistema Europeu como de outros Sistemas estabelecidos. Todos os subsistemas básicos interagiam entre si. Todos os integrantes deste sistema comiam, produzindo ou coletando seus alimentos; se abrigavam, quer em cavernas, em aldeias, ou em estruturas mais complexas como as encontradas na vertente pacífica; defendiam seus territórios, não com exércitos formais, mas com uma estrutura bélica necessária à sua segurança; possuíam uma religiosidade que atendia às suas relações com o transcendental; enfim, seus subsistemas básicos, embora diferentes do que viriam a conhecer, atendia às suas necessidades fundamentais.

Foi com a expansão do Sistema Colonial Europeu que ocorreu o choque entre estes dois grandes Sistemas. Choques de diferentes naturezas e intensidades. O confronto dos subsistemas de defesa, por exemplo, necessita de uma avaliação mais pragmática. Parece-nos ingênua a afirmação, ainda presente nos dias atuais, de que os habitantes do Novo Mundo ao escutarem o troar de um canhão ou de um mosquete, perderam completamente seu espírito combativo. Claro que deve ter causado um grande espanto inicial, porém, logo em seguida teriam percebido que tanto o alcance de um mosquete como, sobretudo a sua precisão, não impediriam um combate entre as duas forças. Isto reforçado pela precisão do arco, se comparado com o incipiente uso da arma de fogo. Outros elementos devem ser incluídos nesta avaliação, como a guerra bacteriológica e sobretudo a psicológica. Não podemos nos esquecer da desigualdade de efetivo entre as duas tropas. Quando em 1516 os portugueses instalaram uma Feitoria Régia em Pernambuco, o seu efetivo era composto por nove homens. Ora, mesmo que este efetivo dispusesse de armamento da atualidade, seria desprezível o seu poder de combate se confrontado com o efetivo indígena da época. Outros elementos devem ter influenciado este contato que, ao que tudo indica, foi pacífico.

O papel da Igreja Católica foi decisivo para a ocupação do território, pois abalou de forma severa o subsistema ideológico dos nativos do Novo Mundo, além de acirrar antigas disputas locais pré-existentes. Prática, aliás, ainda utilizada por serviços de inteligência de grandes potências da atualidade.

Do ponto de vista do subsistema ideológico explicativo, o contato entre os dois grandes sistemas foi muito conturbado. Neste período a hegemonia da

Igreja Católica encontrava-se abalada com a Reforma Protestante. Reforma que não significava apenas perda de território para os católicos, implicava também em significativa perda de recursos. Muitos aspectos ideológicos contribuíram para este abalo sofrido pela Igreja Católica. A presença de Cristo na comunhão, por exemplo, constituiu-se em um grande divisor de ideias que não abalava o catolicismo antes de Lutero. O Concílio de Trento veio dirimir esta grande dúvida quando afirma que na partícula consagrada, ou seja, na hóstia, está presente o corpo, sangue, alma e divindade de Cristo. Muitos dos integrantes do Sistema Europeu aderiram à ideia luterana de que havia apenas um simbolismo e não o mistério da eucaristia como defendiam os católicos pós-Trento. A contra reforma foi a grande resposta católica à crescente perda de território, tanto do ponto de vista geográfico como ideológico. E, é neste clima conturbado do ponto de vista do subsistema ideológico que o Sistema Europeu entra em contato com outra realidade ideológica, a encontrada no Sistema Americano. O etnocentrismo exacerbado não permite a admissão de outras “verdades”, diferentes das suas. Cada Sistema admite como certo e normal o que pratica, mesmo sem uma reflexão mais profunda acerca do que está praticando. A comunhão protestante, por exemplo, é admitida como simbólica, ao contrário da católica que admite, pós-Trento, que no momento da consagração há a transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. No momento da comunhão o católico está alimentando o espírito com o corpo de Cristo. Com a frieza científica, e sem nenhuma conotação desrespeitosa para com crenças atuais, existe de fato, embora inconscientemente, um ato teofágico. Pois, houve o sacrifício incruento em um altar, e em seguida o “corpo” é servido aos fiéis. Entretanto este mesmo grupo, oriundo do Sistema Europeu, se escandalizou com cenas de canibalismo no qual ao se ingerir a carne de um guerreiro herói se estava absorvendo as suas propriedades. Não menos escândalo causou o fato dos cristãos do Velho Mundo assistirem a sacrifícios cruentos destinados a obtenção de favores de divindades cultuadas no Novo Mundo.

Ainda relacionado com o subsistema ideológico explicativo, outro choque cultural ocorrido entre os integrantes dos dois Sistemas que se encontraram, refere-se ao tratamento de seus mortos. Inaceitável para um católico ou protestante, algumas das práticas do cerimonial fúnebre indígena. Por que colocar o morto dentro de um involucro de cerâmica, com alguns de seus pertences, além de oferendas alimentares? Ou mesmo cremar os mortos e em seguida beber suas cinzas? Por que este procedimento não estava correto?

Apenas por não atenderem a diferenças cosmogônicas. Por que não pensar também no choque cultural causado aos habitantes do Novo Mundo quando os do Velho Mundo, sejam católicos ou protestantes tratavam seus mortos de forma completamente diferente? Complementando este quadro acrescenta-se ainda o componente judaico, que se conflitava com católicos e protestantes já no Velho Mundo, bem como com as práticas exercidas pelos integrantes do Sistema Americano.

Se avaliarmos os conflitos relacionados ao subsistema ideológico normativo identificaremos novos conflitos com relação a casamentos, organização social, relações de parentesco, etc.. Mas, não foi apenas este subsistema que se conflitou. Os demais subsistemas também praticavam procedimentos diferenciados. Em alguns momentos se fundiram, enquanto que em outros se atritaram.

Outro aspecto que merece destaque em uma avaliação do contato entre estes dois mundos constitui-se nos conceitos de colonização, colonizado e colonizador. A ocupação do território americano deu-se basicamente por portugueses, espanhóis, franceses e ingleses, embora outros povos integrantes do Sistema Europeu tenham realizado inúmeras tentativas de fixação no Novo Mundo. Interesses diferentes também marcaram os objetivos de cada colonização. A avaliação deste processo foge aos objetivos deste trabalho, embora seja de grande interesse para o entendimento psicossocial deste processo, deste contato Interétnico e consequentemente intercultural. Manifestação de colonização "tardia" que diferiu de forma significativa de outras colonizações como a romana, por exemplo.

A expansão do Sistema Colonial Europeu inseriu o Sistema Americano no que viria a se tornar o Sistema Mundial. Relações de interdependência passaram a existir nos dois sentidos. O Sistema Americano, embora com suas complexidades diferenciadas, como é o caso dos ocupantes das vertentes atlântica e pacífica, coexistia sem que houvesse qualquer relação de necessidade ou dependência do Sistema Europeu. Após o contato, sobretudo alguns aspectos da tecnologia europeia passaram a exercer forte atrativo ou mesmo a necessidade imediata aos grupos locais. É o caso, por exemplo, dos machados de ferro, das lâminas (facas), que passaram a ser "indispensáveis" para os nativos das Américas. Os instrumentos até então utilizados para o corte das árvores, ou o corte da carne, em pedra, já não satisfaziam após conhecer os resultados obtidos com as lâminas de ferro.

Passaram a depender, pelo menos em parte, de outro deus, pois os seus foram total ou parcialmente aniquilados, como é o caso também do ocorrido com os afri-

canos. Por outro lado, com base na visão etnocêntrica, os teólogos cristãos passaram a ter dúvidas quanto aos ameríndios terem ou não uma alma. Por fim admitiram que tinham alma, e passaram a "catequizá-los" com o objetivo de conduzi-los ao seu "céu", pois os conceitos americanos não convenciam aos colonizadores. Ademais, convertidos os nativos seriam mais úteis aos que chegavam as novas terras, como força de trabalho, ou no mínimo, oferecendo menor resistência aos europeus. Inúmeras crenças e superstições trazidas para as Américas, ainda persistem nos dias atuais, inclusive, muitas introduzidas pelos judeus profanos, ou por cristãos novos que vieram em expressiva quantidade para as Américas. Não apenas crenças ou superstições foram introduzidas no processo "colonizador", muitos saberes e fazeres perderam suas origens na bruma do tempo. De modo análogo, muitos aspectos, hoje encontrados na Europa, e até no resto do mundo, são tributos deste contato no longínquo século XVI. Longínquo para uma sociedade que aprendeu a viver o presente sem buscar suas origens, seu passado, indispensável ao bom entendimento entre os povos.

Quantos portugueses ao sentarem em um restaurante e pedirem um delicioso bacalhau com batata aos murros imaginam que o cozinheiro somente está podendo esmurrar esta batata em decorrência deste longínquo contato? Que esta batata, oriunda das Américas, tomou conta não apenas de Portugal, mas de grande parte da Europa, inclusive da Inglaterra? E que devido a uma migração reversa chama-se no Brasil de "batata inglesa"? O que significou, tanto para a tecnologia, como para a economia mundial, a também americana borracha? E o delicioso chocolate? Podemos nos esquecer do abacate? E do abacaxi ou ananás? Por outro lado o subsistema alimentar do Novo Mundo foi enriquecido com a jaca, a manga, o fruta-pão, que também são consumidos sem que se relacione com uma verdadeira epopeia vivenciada pelos colonizadores na transposição dos mares com suas mudas.

E a cana de açúcar? Esta se transformou no verdadeiro ouro branco para a economia europeia. Obteve tal significância econômica para o Velho Mundo que, na América, sua doçura transformou-se em sangue, no momento da união dos reinos ibéricos. A disputa pela comercialização do açúcar, sobretudo em decorrência das relações entre a Holanda e Espanha, à época, acionou no Novo Mundo, particularmente no Nordeste do Brasil, o subsistema de defesa. A chamada "guerra brasileira", ou "guerra holandesa". Sempre reconhecido como necessário, mas sempre negligenciado, em diferentes ocasiões o subsistema de defesa, se mostrou falho. Particularmente quando do assédio holandês, o sistema implantado se mostrou incapaz de fazer face

ao ataque, expondo ao julgo holandês, a rica e florescente colônia em suas terras de além mar. A reação local não apenas derramou sangue, como estimulou novas táticas de guerra, aproveitando a experiência indígena e africana, além de acender uma “pira” para o futuro. Esta “chama”, nos momentos finais desta guerra, estimulou a assinatura de um documento pelos líderes da resistência, onde foi consignado pela primeira vez no Brasil, o nome Pátria.

O que significa realmente na atualidade para o inconsciente coletivo destes dois grandes Sistemas o contato havido nos idos do XVI? Provavelmente nada ou quase nada. Do extrativismo à produção, o que significou para a economia do Sistema Europeu? O que também significou para o Sistema Americano a destruição de seus deuses, dos seus saberes milenarmente acumulados? Não se trata da busca de culpa ou culpados, e sim do entendimento de um processo histórico ocorrido em um determinado momento, que inclusive fomentou uma manifestação tardia da produção, alicerçada no escravismo colonial.

De há muito defendemos a ideia de que a História é para uma sociedade o mesmo que a psiquiatria é para o indivíduo. O entender coletivamente o passado de uma sociedade permite um melhor entendimento de si próprio, e conseqüentemente conduz a um melhor entendimento entre os povos. Não com nacionalismos exacerbados, condutores a romances sociais, em que se observa a ausência de vilões. Nacionalismos que têm dado desastrosos exemplos em uma história relativamente recente.

A Arqueologia moderna, interdisciplinar por natureza, possui um *modus operandi*, próprio e único, que a difere de outras áreas do conhecimento. Não é um complemento da História, como alguns já defenderam. Muito menos uma forma de checar a História. Apenas procura interpretar uma sociedade através de seus elementos materiais da cultura. Ao estudar um engenho, por exemplo, acessa o senhor e o escravo. Ao estudar uma batalha, o vencedor e o vencido, o general e o soldado. A Arqueologia Histórica, como é conhecida nas Américas, ou a Arqueologia pós-medieval, como a Europa a denomina, muito tem a contribuir para o entendimento do relacionamento quando do contato ocorrido entre o Velho e o Novo Mundo. Até porque, a história escrita, conhecida, foi produzida pelos integrantes do Sistema Europeu. O Sistema Americano não produziu história escrita, apenas participou como um dos atores. Sabe-se, pela história convencional, apenas um lado da verdade. E, mesmo assim, de uma verdade que não chega às minudências do cotidiano, o que se constitui em uma das essências da pesquisa arqueológica. Por outro lado, embora não seja objeti-

vo da arqueologia checar a História, pode-se observar que quando ocorre uma determinada descoberta que se encontrava sob o silêncio estratigráfico, e que vem a comprovar um determinado fato histórico, a população interage positivamente com esta “materialização” da História. A meditação é estimulada. Sente-se como acessando uma máquina do tempo.

Embora a prática da arqueologia histórica seja relativamente recente a nível mundial, já tem acumulado uma significativa contribuição ao entendimento de várias sociedades. Neste artigo nos ateremos, apenas a parte da experiência vivenciada por nossa equipe no trato de algumas unidades funcionais implantadas no Novo Mundo, fruto de uma reengenharia dos sistemas, ora adequando-se ao novo meio, ora remodelando o meio para atender às novas necessidades.

Nesta abordagem arqueológica do processo não se pretende focalizar efetivamente o contato entre os sistemas ou a formação do novo sistema, no seu conjunto, mas apenas focalizar aspectos, reflexos deste processo nos vestígios materiais resgatados em unidades funcionais específicas, estudadas arqueologicamente.

Buscando expor em ordem cronológica de modo a permitir o entendimento da construção do novo sistema, o processo de transformação interna de cada unidade e sua longevidade ou persistência temporal, por vezes exigirá retornar-se no tempo ao tratar de uma outra unidade.

FEITORIA DE CRISTOVÃO JAQUES (1516)

Nos primeiros anos em que passaram a frequentar o litoral das novas terras descobertas, já conscientes do potencial comercial das “drogas do sertão” e da necessidade de cooptação dos nativos locais para conseguí-las, os portugueses adotaram a estratégia de implantação de feitorias, em pontos do litoral compatíveis com a aportagem de suas embarcações transatlânticas. Para a feitoria convergiam os produtos da terra, onde eram estocados aguardando a chegada das embarcações que os transportariam para a Europa.

A documentação histórica mostra que já em 1516 os portugueses instalaram uma Feitoria Regia, nas margens do Canal de Santa Cruz, local que mais tarde faria parte da Capitania de Pernambuco. Naqueles primeiros tempos, as águas tranquilas do Canal propiciavam um bom porto, compatível com o calado das embarcações de então. Um porto que viria a ser referido como Porto de Pernambuco.

Pesquisas arqueológicas indicavam que aquele tipo de ambiente era muito frequentado por grupos nativos. Àquela época, praticamente todo o litoral da região era dominado por grupos que compartilhavam uma

tradição cultural frequentemente referida como “cultivadores de floresta tropical”. Naquelas terras litorâneas os grupos assentes compartilhavam um mesmo tronco linguístico, ainda que com diferenças, maiores ou menores, na língua. Bons navegadores de águas interiores, tinham o sustento de suas grandes aldeias garantido pela agricultura que fornecia a base de carboidratos (Maniôt spp.) e mesmo de proteínas de origem vegetal (*Phaseolus sp.*, *Zea mays*), além da caça, da pesca, e da coleta. Conhecedores do litoral, dos rios, e das terras interiores, de seus perigos, de seus inimigos, fossem outros grupos, fossem animais, de grande porte ou os minúsculos, aqueles que traziam febre. Conheciam seus hábitos, a forma de evitá-los, as mezinhas que curavam as doenças. Enfim, eram parte integrante daquele meio, que então recebia novos integrantes. De início, visitantes, curiosos, que pouco a pouco começaram a se integrar, e a integrar, recondicionando o meio. Grande parte do conhecimento acerca dos grupos nativos advém dos informes dos primeiros visitantes europeus. O detalhamento de suas práticas, refletida por seu legado material, é produto de pesquisas arqueológicas. Do mesmo modo, parte das experiências vivenciadas pelos europeus dos séculos XVI e XVII em terras do Brasil, pôde ser reconstituída a partir de estudos arqueológicos.

A Feitoria Régia, instalada por Cristóvão Jaques é um dos mais antigos assentamentos portugueses no Brasil que pode ser localizado, identificado, pela pesquisa arqueológica. A prospecção arqueológica sistemática e a pesquisa subsequente permitiram:

1. Localizar e escavar o local da Feitoria;
2. Avaliar a excelente escolha do local do ponto de vista estratégico e logístico. Boas condições de porto, proximidade de três ecossistemas, o mangue, a restinga e a mata, garantindo suprimento alimentar proteico, vitamínico e de hidrato de carbono, além de água.
3. A escavação arqueológica encontrou vestígios do contato entre integrantes dos dois sistemas a dois metros de profundidade. Na base do sítio predominavam elementos materiais da cultura local: cerâmica indígena da Tradição Tupiguarani; associado ao material indígena, alguns poucos elementos de origem portuguesa, fragmentos de louça, compatível com aquela utilizada no século XVI.

A despeito da mais alta incidência de fragmentos de origem nativa, a análise do conjunto não parece refletir um assentamento nativo. A baixa diversidade do universo de formas e tamanho, mais sugere um ponto de trocas. Aparentemente houve ali um contato pacífico com trocas. E possível, inclusive, que a cerâmica indígena tenha servido de “embalagem” para produtos da mandioca trocados com os portugueses. Deste local os lusitanos embarcaram diversas especiarias,

destacando-se o Pau Brasil.

Os franceses também se interessaram por este ponto estratégico, e em diferentes ocasiões buscaram ocupá-lo, com sucesso por algum tempo, mas logo foram expulsos. Considerando o período de sua instalação, as referências posteriores à incorporação daquele porto ao siste-



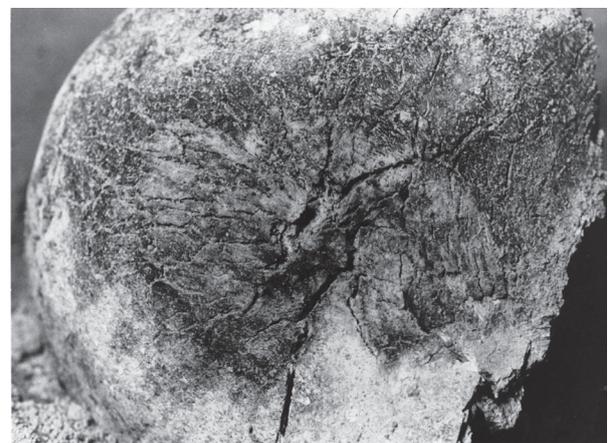
LA/UFPE - 0075LN

1. Medalha encontrada na Igreja da Graça associada a um sepultamento de jesuíta. Observa-se a presença de um ostensório.



LA/UFPE - PE0075Ln

2. Medalha encontrada na Igreja da Graça associada a um sepultamento de jesuíta. Observa-se a presença de um cálice com a ostia.



3. Crânio de um jesuíta morto por um projétil de mosquete que se encontrava em seu interior. Observa-se a fratura provocada pelo projétil.

ma luso-brasileiro, o local desta Feitoria constituiu-se no epicentro da colonização da Capitania de Pernambuco. Posteriormente, já em 1535, neste mesmo local desembarcou Duarte Coelho, o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, EM OLINDA (1585)

A Igreja da Graça, que teve início com a construção de uma ermida no ano de 1550, que logo foi cedida aos primeiros jesuítas que vieram a Pernambuco. O empenho jesuíta em reproduzir no Novo Mundo a fé católica, exposta através da solidez de suas obras logo cedo levou à construção de uma nova igreja “digna da Ordem e do povo”.

A Igreja, jesuíta, datada de 1585, foi completamente escavada por nossa equipe, quando se buscou conhecer sua feição original para uma restauração cientificamente embasada. O resultado desta pesquisa arqueológica também trouxe a luz diversos aspectos do cotidiano dos colonizadores em contato com o Novo Mundo.

Contíguo a esta Igreja os jesuítas construíram um colégio de meninos que desempenhou um papel fundamental em dois grandes subsistemas; o ideológico, tanto normativo como explicativo, e o de reprodução social.

Vale salientar ainda que durante o período de união das Coroas Ibéricas, os holandeses que até então comerciavam livremente o açúcar produzido no Brasil, ficaram impedidos, face a guerra que mantinham contra a Espanha, de frequentar os portos brasileiros. Assim a recém-criada Companhia das Índias Ocidentais armou uma poderosa frota no intuito de conquistar a colônia portuguesa na América. Seu foco inicial foi dirigido à Capitania de Pernambuco, à época uma grande produtora de açúcar. Ao ocuparem a Vila de Olinda (1630), sede do governo da Capitania, os holandeses tomaram, não sem resistência dos jesuítas e dos “índios dos padres”, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, e seu Colégio. Ali instalaram seu primeiro quartel general, o que remete a avaliar-se o porte da obra. Pouco tempo permaneceram em Olinda, sob a ameaça de um suposto ataque da esquadra espanhola, e considerando Olinda como indefensável, sobretudo de um cerco estabelecido a partir das colinas do interior que lhe ficavam a cavaleiro, os holandeses optaram por abandonar Olinda e ocupar o istmo do Recife, próximo ao porto, não sem antes atear fogo a cidade. Só muito mais tarde a área da vila voltou a ser ocupada.

Das inúmeras conclusões que esta pesquisa possibilitou podemos destacar:

1. A distribuição espacial no interior da igreja mostra um contínuo avanço (ampliação) da área destinada aos religiosos, em detrimento da área pública, refletindo possivelmente a ampliação do contingente vinculado à Ordem.
2. Muitas das medalhas que acompanharam os mortos enterrados no interior da igreja traziam estampada em uma de suas faces a Custodia representando o Santíssimo Sacramento. Este fato materializa o processo de “romanização” encetado pela Igreja Católica, muito próximo do período pós-Trento. A observação destes achados nos permite ainda inferir a agilidade jesuítica como obstinados guerreiros da Contra Reforma;
3. Entre os religiosos sepultados na igreja, na área reservada à Ordem, foi encontrada entre as mãos de um jesuíta uma pequena imagem de um capucho; possivelmente da Ordem de São Francisco. Àquela época Loyola ainda não havia sido canonizado e os jesuítas cultuavam outros ícones da Igreja.
4. Os restos mortais de um dos jesuítas sepultados na Igreja da Graça denota que havia sido atingido na cabeça por um projétil de mosquete. Poder-se-ia, com base na arqueologia pós-processual, construir várias histórias sobre o tema, entretanto optamos por apenas constatar o fato. O projétil ficou alojado no interior do crânio, não chegando a transpassá-lo como pode ser observado;
5. Outro aspecto que dificilmente estaria registrado na documentação coeva foi a evidência de um câncer ós-



4. Imagem decapitada encontrada “sepultada” na nave da Igreja da Graça.

seo identificado no fêmur esquerdo de um jesuíta ali sepultado;

6. Sob o piso do altar mor, e ainda sob o piso da mais antiga capela lateral, foram localizadas três grandes (maiores que 1,2 m) imagens esculpidas em pedra (calcário associado a uma formação geológica local), assentadas horizontalmente no solo, como se fora em uma sepultura. Em parte danificadas, as imagens apresentavam em comum o fato de todas elas estarem decapitadas. Foi ainda localizado um fragmento de cabeça (que não era parte integrante de nenhuma das outras três) de uma quarta imagem, também sepultada em local privilegiado, próximo ao altar mor. Tais imagens foram consideradas por especialistas em história da arte que as analisaram, como sendo das primeiras talhadas no Brasil. Por outro lado, considerando as divergências religiosas entre católicos e calvinistas em termos de imagens, e considerando ainda que um número considerável de calvinistas compunha as tropas invasoras, é licito se supor que as imagens sepultadas na Igreja de Nossa Senhora da Graça tenham sido derrubadas e decapitadas pelas tropas holandesas quando tomaram de assalto a igreja. A decapitação de imagens representa a supremacia do vencedor. Não foi diferente o procedimento dos romanos ao decapitarem as estatuas dos lusitanos.

Possivelmente jogadas ao lixo durante a ocupação holandesa, poderiam ter sido posteriormente resgatadas por católicos piedosos, quando Olinda, depois de incendiada pelos holandeses (1631), foi abandonada.

7. Durante as escavações foi encontrado um nível de carvão, provavelmente resultante deste incêndio.

8. Quando da retirada do retábulo mais recente (do século XIX), ficou a mostra o primitivo altar do século XVI, em pedra trabalhada, e que teria permanecido em uso até a invasão holandesa. O antigo altar exibia cinco nichos em pedra, compondo o altar mor, e nenhuma imagem. Certamente aquele altar não foi recuperado após a saída dos holandeses. Ao contrário, preservou a memória daqueles dias difíceis, de embate entre as igrejas. No nicho central foi encontrada uma confissão de culpa, em holandês arcaico, escrita com o carvão do incêndio, assinada por três holandeses, provavelmente católicos.

O FORTE ORANGE E A FORTALEZA DE SANTA CRUZ

Encontrando muitas dificuldades para se assenhorar do interior, das terras e das fábricas de açúcar, os holandeses de início permaneceram confinados a uma estreita faixa do litoral. Senhores do mar, buscaram expandir-se ao longo do litoral. A carência de víveres foi



5. Panorâmica de parte da escavação da Praça de Armas do Forte Orange.



6. Escavação no terraço voltado para o Canal de Santa Cruz na busca da porta do forte holandês.



7. Porta do forte holandês construída em tijolos. Esta descoberta nega algumas informações de que os fortes de construção holandesa eram apenas em terra.



8. Poço do forte holandês construído pela introdução de barris sem suas extremidades. Em seu interior foram encontradas várias peças contemporâneas a sua ocupação.



9. Alabarda encontrada no interior da Praça de Armas. Esta era uma arma muito temida por suas múltiplas funções.



10. Projeteis de mosquete encadeados. Da esquerda para a direita projétil da forma em que era introduzido no mosquete, (peça rara), projétil disparado, e projétil fragmentado depois do disparo (muito frequente na maioria dos fortes desta época).



11. Ruínas da casa de pólvora construída no período holandês.

um dos fatores que incitava à expansão. Uma de suas investidas visou tomar a Vila da Conceição, situada na Ilha de Itamaracá, então uma outra Capitania, situada ao norte de Pernambuco. De início foram repelidos, retirando-se parte das tropas para o Recife, e parte subindo um pouco mais a Norte até uma ilhota, onde iniciaram a construção de um forte, ainda nas cercanias de Itamaracá. Com base nos relatos históricos, sobretudo nos Relatórios que demandavam recursos para recuperar as fortificações, ou que davam conta dos reparos realizados, os estudos históricos apontavam para a assertiva de que os fortes holandeses deste período teriam sido construídos apenas em terra.

Talvez esta afirmação tenha origem na experiência holandesa em suas terras, onde a pedra é inexistente ou pelo menos escassa. Provavelmente o contato com os portugueses e a abundancia desta matéria prima no Novo Mundo induziu os holandeses a adaptarem suas técnicas construtivas à nova realidade encontrada.

Uma segunda assertiva com base na documentação histórica apontava para que os fortes holandeses de então teriam sido ou totalmente destruídos ou encamisados pelas fortificações luso-brasileiras do século XVIII.

De fato, grande parte do sistema de defesa português instalado no Nordeste do Brasil, e em particular em Pernambuco, ocupa aqueles pontos assinalados na cartografia coeva como associados ao sistema de defesa holandês, no Brasil. Isto se aplica particularmente às defesas do litoral. Certamente os pontos de defesa do litoral foram escolhidos com base em acidentes geográficos, em peculiaridades da navegação comum à experiência europeia, ao poder de fogo de cada período, às características técnicas e as estratégias dominantes na época. Assim, grande parte dos pontos do litoral considerados pelos portugueses para inclusão no sistema de defesa, também teriam sido observados pelos holandeses: as barras de acesso aos rios que demandavam o interior, os bons portos, os acessos às unidades produtivas e às vilas, etc.. Assim é que, no local no qual a cartografia da primeira metade do século XVII assinala a presença do Forte Orange (holandês, em sua origem) é posteriormente ocupado pela Fortaleza de Santa Cruz. A semelhança no traçado (comum aos fortes quadrangulares do período) e as reformas encetadas imediatamente após a retirada dos holandeses, levou a crer que teria havido uma continuidade entre aquelas estruturas, ou seja, que a Fortaleza de Santa Cruz seria apenas uma reforma aplicada ao Forte Orange.

A escavação arqueológica realizada no Forte apontou para outra realidade, tanto no que se refere ao material de construção utilizado, quanto para as pretensas sim-

ples reformas do forte holandês pelos luso-brasileiros. Até mesmo a suposta continuidade da denominação, bem poderia decorrer de um processo do equívoco. No século XIX, com ao surgimento e uso de uma nova geração de armas de fogo, os antigos fortes perderam sua capacidade defensiva. Uns poucos foram reformados, adequados às novas armas. A grande maioria foi desarmada e os velhos canhões inutilizados ou assentados nos portos, transformados em peças para atracação de navios.

De acordo com a documentação histórica, com a saída dos holandeses, em 1654, o Forte Orange passou para o controle dos luso-brasileiros que puderam utilizá-lo nos moldes encontrados, por um tempo, havendo mesmo alguns reparos. No final do XVII e início do XVIII se fez uma grande obra no local, cujos trabalhos se arrastaram por um longo tempo. Esta seria a fortificação portuguesa denominada Fortaleza de Santa Cruz.

A Fortaleza de Santa Cruz foi desarmada na mesma época que os demais fortes brasileiros, caindo em ruína, tomada pela vegetação, esquecida. No início do século XX suas ruínas foram “redescobertas” por aqueles que se preocuparam em recuperar o patrimônio cultural abandonado. É provável que esta redescoberta, foi de início associada ao Forte Orange, bem melhor representado na iconografia que a Fortaleza de Santa Cruz. A escavação arqueológica integral deste forte permitiu recuperar-se não apenas as estruturas do forte português, mas ainda grande parte das estruturas holandesas. E mais, foi possível ainda resgatar-se parte do cotidiano de seus ocupantes, tanto holandeses, como portugueses e posteriormente de brasileiros.

1. Dentre os resultados obtidos a partir da pesquisa arqueológica, destacamos os pontos que consideramos de interesse para esta abordagem: As estruturas externas de defesa do Forte Orange (o forte holandês) foram erguidas em terra; à época buscou-se estabilizar a estrutura com o uso de elementos da vegetação local (galhos, folhas, etc.), tal como preconizado para as áreas sujeitas ventos intensos.

2. As estruturas internas (casa de pólvora, quartéis) certamente foram construídas em alvenaria, mas não apenas com o uso de tijolos (comum nas construções holandesas). Ali parte das estruturas foi construída em pedra, em particular as fundações dos quartéis, dispostos no interior da praça de armas, afastados das muralhas. A pedra utilizada é de origem local (calcário) abundante nas cercanias. O mesmo calcário certamente que serviu na preparação da cal, utilizada na argamassa.

3. Os quarteis tiveram o piso revestido com tijolos vermelhos, assentados diretamente sobre a areia, travados entre si. Um tijolo que pode ter tido feitura local,

haja vista as referências às olarias então existentes.

4. A casa de pólvora, construída em tijolos era reforçada externamente por uma grossa parede de pedras. Pelo menos parte dos tijolos utilizados na casa de pólvora foi importada. Certamente trazidos como lastro nos navios que vinham se abastecer de açúcar, os tijolos ali utilizados eram particularmente úteis quando se precisava proteger o ambiente de umidade (como a pólvora exigia) – os conhecidos tijolos da Frísia e de IJssel (os tijolinhos amarelos holandeses).

5. A entrada principal do Forte Orange estava voltada para o Canal de Santa Cruz, para o porto local, onde comumente permanecia estacionada parte da frota. Frequentemente a porta de uma fortificação é voltada para o lugar de onde menos se espera uma investida inimiga, no caso os inimigos estariam em terra, no interior.

6. A entrada do forte holandês foi localizada quando de escavação de uma das cortinas da Fortaleza de Santa Cruz. Sob o reparo, a cerca de 5 metros de profundidade. Uma porta relativamente estreita, emoldurada com cantaria de calcário, que dava acesso a um trânsito abobadado que seguia sob a estrutura em terra da muralha. Duas grossas paredes em tijolos que suportavam a abóboda, projetavam-se externamente, contendo lateralmente as areias da muralha. Além da porta as paredes se abriam em ângulo, assumindo o aspecto de uma portada monumental.

7. Provavelmente durante parte da segunda metade do século XVII o forte holandês foi utilizado pelas forças luso-brasileiras. Para reutilizá-lo tiveram o cuidado de alterar o acesso principal. A antiga portada foi abandonada, e porta voltada para o porto foi fechada com alvenaria de tijolos; o trânsito abobadado foi desmantelado.

8. O poço do forte holandês encontrava-se completamente soterrado e se posicionava aproximadamente no centro geométrico da sua praça de armas. Embora as águas do Canal tenham influência direta do mar, a análise diária da água do poço, depois de reaberto e restabelecido seu nível dinâmico, exibiu um resultado surpreendente quanto à potabilidade. Por incrível que possa parecer, atende às atuais exigências preconizadas pela OMS;

9. Com base nos pontos identificados pela pesquisa arqueológica (portada, fundações dos quartéis, casa de pólvora e poço), foi possível reconstituir-se graficamente o traçado do Forte Orange, e sua relação com a Fortaleza de Santa Cruz.

10. Apenas na face voltada para o Canal houve efetivamente a sobreposição das estruturas externas de defesa da Fortaleza de Santa Cruz e do Forte Orange. Certamente dois dos baluartes holandeses restaram

parcialmente sob a estrutura portuguesa. De resto a maior dimensão do forte português, redundou no arrasamento das demais estruturas holandesas.

11. As moedas não portuguesas encontradas nas escavações do Forte Orange demonstram que havia uma heterogeneidade de origens de sua tropa ou da origem de seus fundos. Foram encontradas moedas de diferentes nacionalidades. Portanto, sobretudo no Brasil, quando se fala das "tropas holandesas" deve-se ter em mente que se tratava de uma tropa de mercenários, de distintas origens, pois há uma grande diferença entre se estar a serviço da Holanda e ser efetivamente holandeses. Por outro lado, a diversidade de origem do material cerâmico encontrado associado ao Forte Orange, expõe a diversidade das relações comerciais dos holandeses nas diferentes regiões.

12. O material bélico encontrado nesta escavação foi bastante heterogêneo e variado. Deste projeteis de mosquete e pistola, a projeteis de canhão em forma ogival composto por seis gomos destinados a destruição de velas de embarcações. No âmbito das armas brancas foram encontrados desde alabarda a uma significativa variedade de punhais e copos de espada. Como o período de ocupação inicial deste forte antecedeu o desenvolvimento da espoleta, foi muito utilizado peças de sílex para inicializar a combustão. Provavelmente deve ter havido a contribuição de indígenas para a obtenção desta matéria prima;

13. Deve ser considerado que o contato inicial ocorrido nesta área entre os portugueses e os Tupiguarani apresenta indícios arqueológicos de ter sido pacífico. Entretanto, por ocasião da construção do Forte Orange esta área já se apresentava como uma área de conflito. Integrantes do Velho Mundo se digladiavam pela posse da área. Portugueses expulsaram os franceses. Holandeses tentaram tomar a Vila da Conceição e foram repelidos pelos portugueses. Em outra investida, já com o Forte Orange sendo construído, os holandeses tomaram a Vila da Conceição que passou a ser chamada de Vila Schoppe (Schoppestad). Não apenas os conflitos ocorreram entre os diferentes segmentos do Sistema Europeu, parte dos nativos integrantes do Sistema Americano combatiam os europeus, enquanto outra parte optou por estabelecer alianças com os contendores. Calvinistas holandeses chegaram a levar para a Holanda indígenas com o objetivo de incutir uma fé diferente da implantada pelos portugueses na colônia. Os holandeses permaneceram ocupando este Forte até a sua saída da Capitania em 1654. Não houve, portanto, uma tomada deste ponto fortificado e sim o abandono e a conseqüente assunção por parte dos portugueses que o modificaram do ponto de vista construtivo.

FORTE REAL DO BOM JESUS

Com a perda da Praça de Olinda e dos fortes que defendiam o porto da Villa de Olinda (e a povoação do Recife) a população recuou para o interior abandonando suas casas e parte de seus bens. Refugiaram-se nos engenhos e lavouras de cana, nos sítios além da periferia da Vila. Muitos se afastaram para mais além, para o sul da Capitania.



12. Parte do fosso que cercava o Forte Real do Bom Jesus. Observa-se o trecho onde o mesmo se apresenta duplo. Depois localizado e escavado a Prefeitura está revestindo seu interior com uma gramínea para a sua preservação.

A estratégia montada por Matias de Albuquerque encarregado pela corte da defesa da praça, mas inteiramente falto de recursos, era de defender os engenhos de açúcar e evitar que os invasores auferissem lucros. Desprovido de tropas treinadas para as guerras do Velho Mundo, recorreu às praticas aprendidas no Novo Mundo, nos combates havidos contra os grupos do sistema americano. Haviãam aprendido a duras penas as técnicas que hoje seriam chamadas de guerrilha. Conhecedores do terreno, a defesa se baseou nos comandos de assalto que fustigavam os invasores durante pequenas investidas, que causavam grande dano moral às tropas holandesas. Sem o ruído das armas de fogo, com o uso de flechas e punhais, atacavam grupos isolados e logo desapareciam em meio ao mato. O comando foi centralizado em dois pontos; um ao sul da Capitania, ainda não dominado pelos holandeses, e outro, a seis léguas de Olinda e a outras seis do porto, fechando o caminho de acesso à principal várzea povoada de engenhos de açúcar. Ali foi construído às pressas o Forte Real do Bom Jesus, que logo atraiu para seu entorno a população desalojada, formando-se ali o Arraial do Bom Jesus.

Por sua função de defesa do interior, o Forte Real do Bom Jesus é a fortificação situada mais a oeste da Capitania. Durou apenas cinco anos (1630 a 1635). Sucumbiu ao embate da artilharia holandesa que o assediou em sí-

tio por longos meses. Foi totalmente arrasado pelos holandeses para evitar sua eventual reocupação. Sua localização pouco a pouco se perdeu, retomado pela Natureza. De acordo com os relatos da época, sabia-se aproximadamente sua localização, entretanto não mais restavam vestígios aparentes, conhecidos. A ausência de vestígios daquele forte já havia sido anotada no minucioso diário de D. Pedro II quando em visita ao local. A pesquisa arqueológica, ainda não totalmente conclusiva, revelou alguns aspectos de significativa importância para o entendimento tanto de sua construção como de seus ocupantes.

Como resultado da pesquisa arqueológica pode-se enumerar alguns importantes aspectos:

1. O Forte Real do Bom Jesus foi construído totalmente em terra, circundado por um fosso seco. Este fosso não apenas serviu de defesa, mas também forneceu matéria prima para o levantamento de sua muralha;
2. Em alguns trechos o fosso se apresenta duplo, criando maiores dificuldades para um eventual assalto do inimigo;
3. Quando do avanço holandês para oeste, a população do entorno alojou-se no interior daquele reduto levando consigo parte de seus pertences. Este aspecto pode ser observado a partir da presença de uma grande variedade e quantidade de louça doméstica em faiança que não é comum neste tipo de fortificação;
4. Após a localização do fosso, por diferença estratigráfica, parte do mesmo foi desobstruído. Em seu interior, fruto do desmoronamento da muralha, ficaram soterradas espadas, projeteis tanto de canhão como de mosquete, além de outros elementos comuns de serem encontrados no interior deste tipo de estrutura de defesa;
5. Parte do projeteis de canhão foram encontrados alojados na escarpa do fosso, denotando se tratar de tiro inimigo. Alguns destes projeteis permitiram a recomposição de sua trajetória balística;
6. Parte dos projeteis de mosquete foram encontrados alojados na contra-escarpa do fosso fruto da defesa portuguesa de curta distância;
7. Foram encontrados na área da praça de armas moldes de projeteis de mosquete denotando que houve fundição local durante a ocupação desta fortificação;
8. Antes do cerco promovido pelos holandeses foi consumida uma significativa quantidade de ostras que podiam ser obtidas nas proximidades, face a sua localização nas proximidades do Rio Capibaribe que neste trecho ainda sofre influência das marés.

RECIFE ANTIGO

Algumas considerações são indispensáveis para se entender o chamado Recife Antigo. No inconsciente coletivo persiste a ideia de que as suas construções datam do início da colonização, o que não corresponde à realidade. Ao se observar uma foto datada de 1913 tem-se a impressão que houve uma grande explosão de uma bomba sobre a cidade. Por influência francesa, sobretudo, grande parte das construções desta área data do início do século XX. O verdadeiro Recife Antigo encontra-se sob o atual e apenas poderá ser revelado através da pesquisa arqueológica.

O bairro do Recife (Recife Antigo) geograficamente corresponde a uma estreita faixa de terra que se formou paralelamente aos extensos arrecifes (beach rocks) que protegem parte do litoral de Pernambuco. É constituído pelas areias que se movimentam a partir do encontro dos sedimentos trazidos pelos dois principais rios daquele trecho do litoral e das areias trazidas pelas correntes marinhas que entram na barra. Sua geografia configurou um porto natural, desde cedo reconhecido pelos navegantes vindos da Europa. Um porto que iria atender a Vila de Olinda, cuja barra era considerada muito perigosa, incapaz de abrigar os navios. No início da ocupação portuguesa ali se formou um pequeno povoado de pescadores (o Povo dos Arrecifes), e às suas margens encostavam as embarcações que careciam de reparo. Já no início do século XVII haviam sido construídos armazéns para abrigar o açúcar, vindo dos engenhos do interior, para ser embarcado para Europa. Também uma igreja, para atender a população que ali começava a se concentrar em torno do porto.

A presença holandesa alterou os rumos daquela ocupação, sobretudo após o incêndio de Olinda. Praticamente toda a tropa desembarcada ficou confinada àquela faixa de terra que se estendia até Olinda. Abrigos de madeira, pré-fabricados, foram trazidos e instalados para o abrigo da tropa. Só após a queda do Forte Real do Bom Jesus, quando os holandeses puderam se assenhorar das terras do interior, dos engenhos de açúcar, desenvolver a administração local, o Recife passou a ser ocupado de forma mais sistemática, ainda que se ajustando à desordenação inicial. Com o adensamento da população, com o interesse comercial de se instalar nas proximidades do porto, as terras do Recife, pouco a pouco foram sendo ampliadas com aterros.

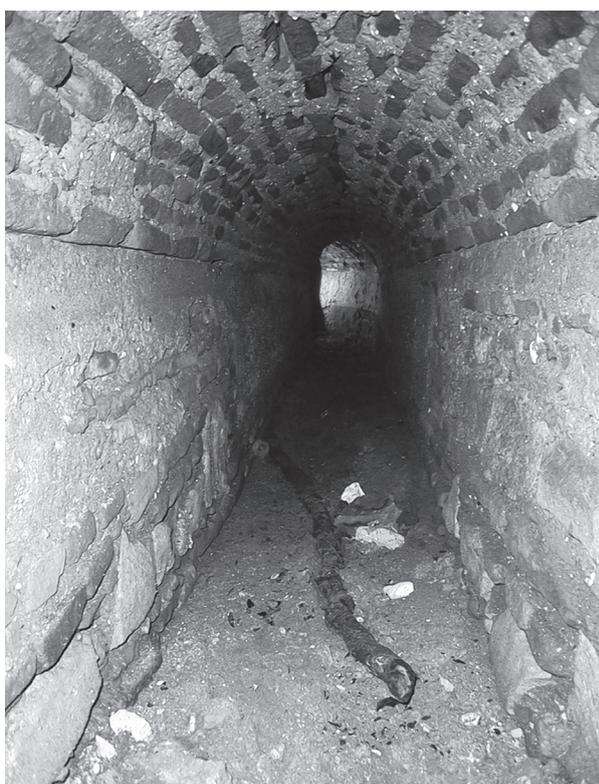
Por ocasião de um trabalho de embutimento de uma tubulação para fibra ótica a nossa equipe teve a oportunidade de realizar uma pesquisa no trecho da obra; não de uma forma sistemática, epistemologicamente conduzida, mas restrita a um acompanhamento oportu-



13. Trecho da muralha que cercava o Recife. Depois desta etapa das escavações foi encontrado o angulo saliente da mesma.



14. Parte da paliçada de madeira que reforçava a defesa do Recife.



15. Galeria de esgoto já do século XIX encontrada no Recife Antigo.

tunístico possibilitado pelo traçado da obra. Ressalve-se, entretanto, que no âmbito do “Recife Antigo”, outras pesquisas realizadas, no Forte do Brum e na Sinagoga Kahal Zur Israel, puderam ser conduzidas aos moldes de uma pesquisa arqueológica acadêmica. Vale salientar, entretanto que, mesmo em se tratando de um acompanhamento de obra, muitos detalhes da antiga cidade puderam ser revelados, descobertas que muito contribuíram para o entendimento de uma das cidades mais antigas das Américas.

Destas descobertas e conclusões ali realizadas destacamos:

1. Foi possível identificar-se e reconstituir-se o traçado de antigas ruas, desaparecidas com a modernização promovida no início do século XX;
2. Ruas, que não mais existem, do início de ocupação holandesa como a Rua do Vinho registrada na iconografia coeva, foram identificadas e seu traçado reconstituído;
3. A grande quantidade de alicerces que foram encontrados e sua associação com o uso de diferentes matérias primas e técnicas construtivas nos permitiram as cronologias de ocupação e reconstituir a evolução urbana do Recife;
4. Do mesmo modo foi possível identificar os sucessivos aterros que ampliaram o espaço do Recife, permitindo inclusive diferenciar as obras associadas à iniciativa privada e aquelas promovidas pelo poder público;
5. Parte do sistema de defesa da cidade, de há muito inteiramente destruído, foi localizado. É o caso da muralha de proteção da cidade, construída em cantaria, que limitava as áreas de dentro e de fora de portas. Foi encontrada a muralha da face leste, e parte do baluarte que defendia uma das portas da cidade, a Porta da Terra, aquela que dava acesso ao istmo, por onde se transitava entre o Recife e Olinda;
6. A muralha de oeste, que margeava o rio, também em alvenaria de pedra, era de feitura mais modesta, e mais mutágena, considerando-se a grande ampliação das terras emersas, promovida pelos aterros naquela face da cidade;
7. De início o Recife foi protegido por uma paliçada de pau a pique, que pode ser vista na iconografia coeva, da qual não se tinha conhecimento ou registros materiais. Pelo menos parte desta paliçada foi conservada sob os aterros, permanecendo praticamente intacta. A pouca profundidade do lençol freático, a manteve praticamente submersa abaixo das atuais ruas e avenidas. O estudo desta paliçada permitiu o entendimento de conceitos de defesa da época, dos inimigos e seus recursos previstos em termos de armas, inclusive de suas preocupações defensivas, do uso de cavalos, e da logística utilizada;

8. Esta pesquisa permitiu uma visão espaço/temporal da evolução urbana do Recife, desde seus primeiros momentos até as modificações do século XX. Modificações que foram intensas, pois se for considerada a largura do istmo que interligava Olinda ao Recife, poderemos constatar que a atividade de aterros ainda continua nos dias atuais. Grande parte das atuais terras do Recife antigo foi tomada tanto ao mar como aos rios. Na entrada da Sinagoga a pesquisa arqueológica identificou vestígios do antigo talude do rio. Foi possível ainda constatar que o mar atingia um dos flancos do Forte do Brum e o rio corria ao pé de sua muralha, do outro lado. Observa-se, portanto que toda a extensão entre o Forte do Brum e o Porto, assim como o espaço existente entre aquele Forte e a Prefeitura do Recife é fruto de aterros que se sucederam ao longo dos séculos, e puderam ser identificados pela pesquisa arqueológica. Apenas a título de ilustração, podemos mencionar que foram localizados vestígios de um antigo píer no local em que depois foi construída a Sinagoga Kahal Zur Israel.

SINAGOGA KAHAL ZUR ISRAEL

O período de ocupação holandesa da Capitania de Pernambuco passou por basicamente três períodos distintos: a ocupação inicial, conflituosa; um período de relativa tranquilidade que correspondeu ao governo de Maurício de Nassau; e o período terminal da ocupação holandesa, também marcado por muitos conflitos. Foi durante o governo de Nassau que grandes modificações ocorreram em Pernambuco. Uma destas modificações se refletiu drasticamente sobre o subsistema ideológico, quando Nassau permitiu a liberdade de culto. Até então os judeus realizavam suas cerimônias às escondidas. Com esta abertura religiosa foi autorizado aos judeus construir uma Sinagoga. Na busca por espaço foi autorizado o aterro de parte do istmo que ligava Olinda a Recife e dado início a construção de uma sinagoga que recebeu o nome de Kahal Zur Israel, (Rochedo de Israel).

Havia referências iconográficas, porém muito pouco precisas em decorrência das modificações ocorridas em Recife ao longo dos séculos. Quando demos início à pesquisa arqueológica a grande preocupação era saber-se o que poderia ser encontrado que permitisse identificar, confirmar que se tratava efetivamente da antiga sinagoga. A documentação histórica dava conta de que após a saída dos holandeses, e com a retomada do controle ideológico pela Igreja Católica, o prédio da antiga sinagoga foi entregue a uma ordem religiosa. Naquelas circunstâncias certamente qualquer elemento móvel ou imóvel que pudesse ser associado



16. Poço integrante do Mikvê encontrado no interior da Sinagoga Kahal Zur Israel. Constituiu-se em dos elementos comprobatórios da existência da Sinagoga.



17. Rabinos especializados em Mikvê avaliam a descoberta.



18. Comprovada a autenticidade do Mikvê é celebrada, após três séculos, uma cerimônia judaica no local.

às práticas religiosas do cerimonial judaico teriam sido destruídas.

Durante a pesquisa arqueológica foi localizado um poço no interior da sinagoga; e mais, nas suas proximidades, ocupando um espaço retangular que atingia quase dois metros de profundidade, uma grande concentração de escombros de demolição de uma estrutura em pedra, além de uma única pedra de um piso de pedra trabalhada que restara.

Deste contexto alguns pontos foram levantados:

- a) No Nordeste do Brasil não se tem tradição de construir poços no interior de residências. Sempre os poços ou cacimbas são construções externas.
- b) Os restos de demolição, na profundidade em que se apresentavam, não se mostravam compatíveis com as cotas de rés-do-chão registradas na cidade, nas diferentes ruas.

Por se tratar de um tema de grande responsabilidade, sobretudo afeto a problemas religiosos, foi convocado um grupo de rabinos especializados em Miqvê. Após suas avaliações baseadas em medidas preconizadas em tempos imemoriais, concluíram que não havia dúvida entre eles de que se tratava de um Miqvê, e portanto devendo estar associado Sinagoga Kahal Zur Israel. Com base naqueles achados e nas considerações dos religiosos, ali foi celebrada uma cerimonia religiosa, na qual, com muita emoção, foi ressaltado que a cerimônia estava sendo realizada naquele local após três séculos de abandono e desconhecimento. A velha Sinagoga readquiriu sua identidade através da pesquisa arqueológica.

Dos resultados desta pesquisa podemos destacar:

1. A descoberta do poço construído em pedras não argamassadas;
2. A base do poço atinge o lençol freático do Recife, portanto apresentando água corrente;
3. Parte da muralha oeste, que cercava o Recife foi localizada no interior do imóvel, mas além dos limites do edifício da sinagoga;
4. O primitivo limite oeste do istmo, a antiga margem do Rio Beberibe, que depois de aterrada cedeu espaço para a construção da sinagoga. A antiga margem foi localizada junto à porta de entrada da Sinagoga;
5. As técnicas construtivas utilizadas na edificação da Sinagoga;
6. Os diferentes níveis de aterro que ocorreram no Recife ao longo dos séculos e que corresponderam a diferentes alterações de cotas;
7. Resgate de informações relativas à diáspora judaica, com grande repercussão a nível internacional;
8. Resgate de parte da história da Capitania de Pernambuco, do Brasil, dos judeus, da Holanda e de Portugal.

MAZAGÃO VELHO

Quando a população de Mazagão, a última colônia portuguesa no Marrocos foi, no século XVIII, resgatada ao cerco e posteriormente transferida para a selva amazônica grande parte de seu referencial cultural foi alterado.

Aquele talvez tenha sido um dos mais drásticos contatos entre o Velho e o Novo Mundo. Aquela população que vivia em um clima seco, a beira mar, viu-se em contato com uma realidade completamente diversa da que conhecia. Cobertura vegetal densa, animais que desconheciam, indígenas de diferentes tribos e costumes, e, sobretudo, doenças tropicais como a malária e a febre amarela.

De nobres guerreiros, remanescentes dos que haviam partido de Portugal em defesa da Terra Santa, transformaram-se em lavradores na selva úmida, cujos segredos desconheciam. Deles também se esperava fossem guerreiros na defesa da expansão dos limites de Portugal na América, na guarda contra eventuais tentativas (mormente francesas) de acessar o grande rio em demanda as minas do interior.

Poucos anos após a transferência, uma significativa parte da população da Nova Mazagão pereceu; outros talvez tenham conseguido fugir a despeito das ordens incisivas do governo para ali permanecerem. E aquela Vila, planejada e construída para receber 340 famílias praticamente desapareceu, engolida pela selva. Alguns remanescentes aglomeraram-se às margens do rio Mutuacá, e hoje já não preservavam a memória da vila que fora construída. O nome, entretanto, foi preservado e hoje, o vilarejo que ainda ocupa a área, restrita às margens do rio é conhecido como Mazagão Velho, em alusão a uma nova cidade que se formou à margem do mesmo rio, e que adotou o nome de Mazagão.

A população da hoje "Mazagão Velho" é constituída em grande parte por pessoas com evidentes traços negros, quiçá descendentes de negros que vieram com a população do Marrocos.

Uma intensa pesquisa arqueológica foi realizada na área e muitos elementos desta desastrosa experiência foram resgatados; dentre eles destacamos:

1. Uma intensa pesquisa prospectiva de superfície permitiu reunir elementos passíveis de comparação com a cartografia conhecida. De início a hidrografia, seguindo-se de tênues evidencias no solo, do que poderia refletir um antigo parcelamento do terreno em quadras.
2. A prospecção interventiva teve início em uma área que apresentava uma vegetação menos adensada, na qual se pode observar a presença algumas ruínas em pedra.
3. Uma escavação por decapagem em grande superfície permitiu a localização dos alicerces, em pedra, de



19. Alicerces da Igreja de Mazagão Velho que se encontrava recoberta por sedimentos e vegetação amazônica.

uma ampla edificação. No entorno daqueles alicerces milhares de pedras de diferentes tamanhos, espalhavam-se de permeio com um sedimento argiloso, distinto do terreno local.

4. Ainda com base na escavação por decapagem foi possível ainda identificar-se sobre o terreno o frontão, em tijolos, do edifício, que teria desabado de uma só vez. Este achado permitiu conhecer-se a altura do edifício, assim como, pela empena, a distribuição das águas do telhado. No interior do edifício, e em suas laterais foram localizados dezenas de sepultamentos. Todos estes elementos, dimensões, porte, presença de sepulturas, conduziam a atribuir-se que se tratava da igreja matriz da Vila.

5. Confrontando-se as evidencias com a planta conhecida da Vila, ali não havia edificação prevista. Entretanto, correspondia a uma quadra que formava a praça central projetada, na qual também fora projetada a Casa de Câmara e Cadeia. A igreja daquela Vila pombalina fora projetada longe das estruturas administrativas, longe da sede do poder. Ocuparia uma área bem menor, próxima ao rio, em posição semelhante à de uma "igreja dos índios", já existente no local.

6. A análise do material construtivo encontrado e das técnicas de construção identificadas denotou uma sequência de etapas construtivas, possivelmente decorrente de escassez de matéria prima. O terreno local é constituído por um sedimento areno-argiloso, rico em ferro, muito homogêneo e desprovido de afloramentos rochosos, como em grande parte das terras baixas amazônicas. Por outro lado, grande parte do solo na área expõe um intenso processo de laterização. Em alguns trechos é possível reunir concreções ferruginosas, de forma irregular e de diferentes tamanhos. Concreções deste tipo que foram utilizadas como matéria prima para a edificação do que, sabemos hoje, foi a igreja da Vila. Certamente reunir todo aquele material demandou muito tempo e, sobretudo trabalho.

7. Um aspecto resgatado naquela obra foram os materiais e técnicas de construção empregadas: A obra se baseia em um misto de estrutura de madeira e de pedras, onde o uso de argamassa com cal esta restrito a algumas áreas. Inclui-se ainda o uso de tijolos no frontão, portadas, colunas, estruturas internas como o altar mor e altares laterais. A coberta é em telhas de barro cozido, tipo canal.

8. O alicerce ou fundação foi construído escavando-se o terreno até uma profundidade de 1,70 m. Na vala escavada foram fixados regularmente esteios de madeira com 30 cm de lado, assentados a cada 60 cm, cuja altura deveria atingir o pé direito da obra. Preenchendo o espaço remanescente foram assentadas pedras, rejuntadas com argamassa de cal. À altura do piso (interno) toda a estrutura da fundação foi nivelada com uma camada de tijolos. A partir deste nivelamento foram levantadas as paredes. As paredes foram erguidas envolvendo os esteios de madeira, como se foram vigas. Ali as pedras irregulares foram rejuntadas com uma argamassa de barro (possivelmente do leito do rio), em grande parte sem adição de cal. A distribuição dos tamanhos das pedras, que pode ser observado nas ruínas remanescentes não sugere que se utilizasse, por exemplo, as pedras maiores nos trechos mais baixos. Antes sugere que a diferença do tamanho das pedras utilizadas estaria relacionada à disponibilidade do material, ao longo do tempo. O uso de uma argamassa apenas de barro, em paredes com a altura projetada e sob as condições de umidade da Amazônia foi garantido pela aplicação de uma espessa camada de reboco, com uma forte dosagem de cal como proteção.

9. Foi localizado um grande número de sepultamentos no interior da igreja. Alguns deles teriam sido contemporâneos ao funcionamento da igreja, enquanto outros devem ter sido sepultados após o desabamento da igreja, pois seus corpos se encontram sobre parte dos alicerces, conseqüentemente quando a parede não mais existia.

10. Alguns sepultamentos guardavam consigo condecorações; a análise do mobiliário funerário sugere a diferença de situações sociais entre a população ali representada;

11. Dentre o material resgatado estava incluído elementos do século XIX o que sugere sua utilização ainda naquele período. Sabemos que durante o século XIX a ocupação das margens do Mutuacá voltou a florescer, e que sua população envolveu-se em acirradas disputas políticas (inclusive combates internos). Entretanto, àquela época já havia sido instalado um cemitério público, próximo ao rio.

12. O resultado desta pesquisa fez brotar reflexões entre vários mundos. Foi realizada, por opção da população remanescente uma cerimonia católica de encomendação dos corpos que foi celebrada por um padre italiano. Compareceram a cerimonia o governador do Estado do Amapá, o Embaixador de Portugal e o representante do Reino do Marrocos. Nesta solenidade o Exército brasileiro deslocou para Mazagão um considerável efetivo que prestou as honras militares aos "primeiros defensores da Amazônia brasileira". Toda esta mobili-



20. Cachimbo tubular indígena bastante difundido no Brasil.



21. Tubos de cachimbo de origem europeia muito difundido sobretudo no período de ocupação holandesa.

zação redundou em um grande processo de educação patrimonial, de consciência social e de reflexão.

O FUMO

Escavações arqueológicas demonstram que o fumo foi largamente utilizado no Novo Mundo antes da chegada dos europeus. Com cronologia muito anterior à presença europeia nas Américas é comum a presença de cachimbos tubulares em sítios arqueológicos relacionados a grupos ceramistas.

Quando de seu contato com o Novo Mundo, europeus rapidamente absorveram o hábito de fumar e sobretudo o transformaram em uma fonte de renda. Não apenas com a comercialização do tabaco, mas ainda com o fabrico de cachimbos de argila. Fábricas com uma alta capacidade produtiva foram rapidamente montadas no Velho Mundo. Os cachimbos de origem europeia são encontrados aos milhares em sítios arqueológicos pós-contato. Cachimbos que foram produzidos com o objetivo de atender as diferentes camadas sociais. São

encontrados cachimbos simples e outros extremamente elaborados, certamente com o fito de atender a uma camada da sociedade mais exigente. As qualidades do tabaco eram decantadas, tanto como lazer, assim como por suas propriedades medicinais.

Recentemente alguns arqueólogos têm associado aos negros os cachimbos de cotovelo produzidos em argila vermelha. Têm por base uma possível associação de traços decorativos presentes nestes cachimbos, à qual atribuem representar uma manifestação da "resistência" cultural dos africanos. Lamentavelmente em toda nossa experiência com arqueologia histórica nunca tivemos a oportunidade de fazer tal associação. Não a negamos, apenas não encontramos elementos capazes de sustentar esta hipótese. Consideramos contudo, que o universo dos cachimbos de cotovelo, em argila vermelha é muito amplo, bem como é amplo o universo de materiais para a elaboração de cachimbos, e que sua feitura não envolve necessariamente uma tecnologia restrita.

Em nossas escavações é grande o número de cachimbos vermelhos que estão presentes tanto em sítios associados a assentamento de portugueses quanto de assentamento de holandeses. Em qualquer dos casos não excluiria a possibilidade de uma origem africana dos mesmos, pelo menos da tradição decorativa, haja vista que tanto os portugueses como os holandeses conviveram com africanos, que bem poderiam ser responsáveis pela sua produção. Por outro lado, até agora nada nos permite estabelecer uma ligação com a cultura africana. O que é um fato lamentável, pois, na realidade não tivemos até o momento a oportunidade de escavar um sítio de tradição africana, como um quilombo, por exemplo.

Para os cachimbos fabricados em argila branca são conhecidos os de origem holandesa, inglesa e francesa; os fabricados em argila vermelha até o momento, sempre

os associamos a sítios de ocupação portuguesa.

Embora já se tenha uma vasta bibliografia sobre o tabaco, e particularmente sobre os cachimbos, existem ainda muitas lacunas no entendimento deste hábito, que do Novo Mundo expandiu-se de forma notável por praticamente todos os continentes.

O SUBSISTEMA IDEOLÓGICO – A MORTE

Dentre os processos culturais o subsistema ideológico inclui-se entre os que mais resistem às forças dinâmicas que movem as sociedades. O tratar a morte, desde tempos imemoriais, inclui-se entre os fatores de maior resistência cultural. O que uma cultura espera do pós-morte, é ditado pela sua cosmogonia, e constitui-se em uma das maiores forças estáticas de uma sociedade.

Imaginemos o que deve ter significado para os habitantes do Novo Mundo ver "seus campos de caça" do pós-morte ser "destruído" e substituído por um céu que fogia a sua compreensão. Imaginemos ainda mais, o que deve ter significado para os ameríndios as ardentes tragédias do inferno cristão. De modo inverso, imaginemos o que não deve ter significado para os europeus, sobretudo em um período de romanização da Igreja Católica, assistir aos rituais funerários dos habitantes do Novo Mundo sepultando seus mortos em urnas de cerâmica, circundada por oferendas para serem utilizados pelos seus mortos, ou mesmo bebendo as cinzas dos mortos.

Imaginemos ainda o que não deve ter significado para os judeus, ou cristãos novos, a prática do sepultamento secundário, esta realizada tanto pelos habitantes das Américas quanto pelos católicos do Velho Mundo. E os africanos? Estes de diferentes etnias e de distintas crenças?

Deste amalgama resultante do contato entre as cosmogonias dos Mundos resultou um poderoso proces-



22. Urna funerária da Tradição Aratu circundada por pequenas vasilhas de oferendas. Data de três séculos antes do descobrimento do Brasil.



23. Urna funerária com opérculo do mesmo sítio e cronologia da Tradição Aratu.



24. Sepultamento de um oficial luso-brasileiro encontrado nas escavações do Forte Orange.



25. Conjunto de sepultamentos encontrado no interior da igreja localizada e escavada em Mazagão Velho.

so sincrético, já bastante estudado, porém ainda não esgotado.

O Congresso Internacional de Arqueologia Moderna, Velho e Novos Mundos, realizado pelo CHAM, em Lisboa, abriu novas perspectivas para o entendimento do processo de inserção destes "mundos" no Sistema Mundial. Acreditamos que deste congresso germine trabalhos e teses com uma nova perspectiva de abordagem. Uma abordagem menos etnocêntrica, de ambos os mundos, e mais pluralista, marcada por uma visão de multilateralidade. Acreditamos ainda que este encontro promoverá uma simbiose de saberes e procedimentos. Que pesquisadores de ambos os "Mundos" assumam responsabilidades diferenciadas e complementares. Que tanto as pesquisas arqueológicas reali-

zadas no Novo Mundo considerem as entradas no sistema oriundas do Velho Mundo, como aquelas realizadas no Velho Mundo considerem as entradas que para ele retornaram. Diante desta perspectiva operacional não podem ser descuradas as relações internas de ambos estes Mundos que promoveram reações recíprocas. Caso esta responsabilidade seja efetivamente assumida pelos pesquisadores destes "dois mundos" o Congresso Internacional de Arqueologia Moderna, Velhos e Novos Mundos, transcendeu aos objetivos que poderiam ser esperados de um simples encontro acadêmico, contribuindo para uma reavaliação de atuais linhas de pesquisa que contribuirão para um melhor entendimento entre os povos, pois uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro.